

Divulgação

Voos de um homem-pássaro



Franz Rogowski, muso do cinema alemão, tem atuação de gala em 'Bird', de Andrea Arnold



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

É um mistério - que só pode ser solucionado em tela grande - a figura interpretada por Franz Rogowski em "Bird", um drama (geracional, social e afetivo) da inglesa Andrea Arnold, a ser exibido pelo Estação NET Botafogo 1 neste sábado, às 14h. Garanta seu ingresso já, pois se trata de um dos filmes mais disputados deste Festival do Rio, vitaminado por uma enxurrada de boas resenhas colecionadas em Cannes (onde disputou a Palma de Ouro) e San Sebastián.

No ano em que ganhou o troféu Carroça de Ouro da Quinzena de Cineastas, na Croisette, a prestigiada diretora de "Cow" (2021) assaltou olhares com esta trama sobre amadurecimento, construída a par-

Celebrado em Cannes e San Sebastián, o drama inglês 'Bird' internacionaliza a grife alemã Franz Rogowski, hoje um dos atores mais disputados da Europa

tir das agruras de uma adolescente. A jovem Bailey, sem a devida atenção familiar, buscar amparo entre figuras excêntricas. Rogowski, hoje uma espécie de muso no cinema europeu, encarna nesse filme a tradução da estranheza do mundo suburbano de Kent. É (mais) uma grande interpretação desse bailarino e ator alemão que se internacionaliza cada vez mais disputado por cineastas de toda a Europa.



Jens Koch/Divulgação Berlimale

assim coimo outros bons trabalhos do astro nº 1 da Alemanha hoje. Ele tem duas outras produções de peso pela frente para este ano: "The Way Of The Wind", o longa de Terrence Malick sobre Jesus Cristo; e "Wizards!", de David Michôd.

"Sinto que o streaming nos abriu novas possibilidades de acesso aos filmes, mas continuo a ter o cinema, das salas, como proposta, acreditando em narrativas avessas a algoritmos, voltadas a dilemas humanos", disse o ator ao Correio da Manhã, via Zoom.

Contundente estudo sobre inadequações territoriais, "Bird" põe Rogowski numa fronteira do real com o imaginário. "Existe sempre algo de pessoal meu na maneira como os personagens são compostos, que vai pela minha percepção da raiva, do amor, da ternura, e que não se expressa por palavras, mas, sim, por gestos. Não tento jamais colorir uma atuação com algo que não tenho", diz Rogowski. "Escolho papéis de diretores cuja escrita de roteiro me desperte o olhar ou a curiosidade. Tenho recebido convites internacionais por conta da circulação de meus filmes alemães por

festivais e pela MUBI, mas celebro o fato de a Alemanha não ter, hoje, um cinema que possa ser rotulado sob uma única tendência. Existe pluralidade e, nós, que construímos esse cinema, estamos atrás disso: da diversidade de vozes".

Suas coreografias afetivas se desenhavam de forma sutil em títulos como "Love Steaks" (2013), de Jakob Lass; o divertido "Nos Corredores" ("In The Aisles", Prêmio do Júri Ecumênico na Berlimale 2018); o sombrio "Luzifer", de Peter Brunner (revelação do Festival de Locarno 2021); e o drama de tintas LGBTQA+ vencedor do Prêmio do Júri da mostra Un Certain Regard de Cannes, do ano passado: "Great Freedom", de Sebastian Meise. Esse último foi um dos títulos mais elogiados na seleção da Croisette de 2021 e conquistou outros 19 prêmios com sua luta contra homofobia. Dá para vê-lo na MUBI.

"É um filme que escorrega de qualquer rótulo, como o grande cinema se propõe a ser", disse Rogowski, que recria, sob a batuta de Meise, um crime estatal de sua pátria: a criminalização da homoafetividade. Encerrada só nos anos 1990, a política homofóbica alemã retratada por Meise no pós-guerra, quando Hans Hoffmann (papel de Franz) é repetidamente encarcerado por ser homossexual. A única relação estável na sua vida torna-se o seu companheiro de cela, Viktor (Georg Friedrich). O que começa com a repulsa transforma-se em paixão silenciosa e violenta.

"Vazio é uma palavra que muda de sentido quando você a prende a extrair potência da quietude", diz Rogowski. "Trabalhávamos, Friedrich, Meise e eu, num espaço muito pequeno, referente a uma cela, pra expressar todo um universo de que os verbos não dão conta".

Dirigido pelo aclamado Michael Haneke em "Happy End" (2017), que não teve carreira comercial no Brasil, em tela grande, Rogowski brilhou ainda em "Eu Estava em Casa, Mas..." (2019), que rendeu o Prêmio de Melhor Direção à realizadora Angela Schanelec na Berlimale. "Procuro filmes que celebrem a liberdade", define o ator. "Livres, rompemos moralismos".